



As rochas da “Casa Romana” (Cristelos – Lousada). Variação cronológica da sua tipologia e origem

Hugo Novais*, Paulo Lemos**, Joana Leite*** e Manuel Nunes****

Palavras-chave

“Casa romana”; granitos; corneanas; índice de explorabilidade; pedreiras

Keywords

“Roman house”; granites; hornfels; exploitability index; quarries

Resumo

A “Casa romana” do Castro de São Domingos faz parte de um pólo habitacional do séc. I d.C. e foi construída com recurso a rochas da região, nomeadamente corneanas e granito porfiróide, de grão grosseiro, com duas micas, essencialmente biotítico. As estruturas castrejas por ela intersetadas são construídas quase exclusivamente em corneanas. O objetivo deste trabalho foi identificar os locais prováveis de extração das rochas. Para tal procedeu-se à identificação das litologias de paredes e pavimentos da casa e a um levantamento geológico de pormenor da região. Na determinação das fontes prováveis foi usado o método de hierarquização proposto inicialmente por Muñoz de La Nava et al. (1989). Foi possível identificar as áreas fonte dos dois tipos de rochas, que se encontram a uma distância máxima de 200 metros da casa, bem como balizar cronologicamente a predominância do respetivo uso.

Abstract

The “roman house” of the Castro de São Domingos is part of a housing pole of the I century AD and was built using rocks of the region, including hornfels and porphyritic granite, coarse-grained, with two-mica, mainly biotite. The fortified settlement by her interseted is built almost exclusively on hornfels. The aim of this study is to identify the likely sites of extraction of the rocks. For this to happen, the lithologies of walls and floors of the house were identified and a detailed geological survey was made in the region. In determining the likely sources was used an hierarchy method initially proposed by Muñoz de La Nava et al. (1989). It was possible to identify the source areas of the two types of rocks, which are at a maximum distance of 200 meters from the house, as it was possible to set a chronologic frame related with the predominance of its use.

* Professor de Biologia/Geologia, Agrupamento de Escolas de Lousada (hnovais@gmail.com)

** Arqueólogo (paplemos@gmail.com)

*** Arqueóloga (joana.leite.80@gmail.com)

**** Arqueólogo (to.nunes@sapo.pt)

1. Introdução

A denominada casa romana localiza-se no concelho de Lousada, nas freguesias de Cristelos (atual União de Freguesia de Cristelos, Ordem e Boim) na encosta sudeste do Monte de S. Domingos, nas imediações do povoado da Idade do Ferro com o mesmo nome. A domus faz parte de um polo habitacional romano, enquadrável no séc. I a V d. C, que deverá ter resultado de um processo de reorganização que se verificou após a conquista e destruição do povoado da Idade do Ferro, provavelmente durante as Guerras Cantábricas (Mendes-Pinto, 1999; Nunes *et al.*, 2008). A casa foi sujeita a uma intervenção arqueológica na última metade da década de 90 do século passado, tendo as escavações sido retomadas apenas nos anos 2009 e 2010, pelos signatários deste artigo. Em 2011 foi identificada a origem e composição das argamassas usadas na casa romana (Nunes *et al.*, 2011) tendo sido, no seguimento deste trabalho, desenvolvido um método para identificação da origem dos materiais pétreos dos muros da Idade do Ferro e romanos existentes no sítio arqueológico em apreço.

As estruturas arqueológicas da casa romana localizam-se num afloramento de corneanas pelíticas, limitado a este e oeste por massas granitoides. A este encontra-se um granito porfiróide, de grão grosseiro, com duas micas, essencialmente biotítico, que será doravante designado por granito de Lousada. A oeste encontra-se um granito monzonítico de grão médio, porfiróide, essencialmente biotítico, que ocupa quase todo o concelho de Paços de Ferreira, motivo pelo qual será designado por esse nome.

2. Metodologia

O trabalho iniciou-se pela cartografia das rochas do pavimento e paredes da casa, a que se seguiu a identificação da respetiva geologia. Simultaneamente, foram realizados trabalhos de campo com o objetivo de elaborar a cartografia geológica de pormenor da região. O trabalho foi concluído com identificação da fonte provável dos diversos materiais pétreos. Na definição das áreas-fonte foi utilizado o sistema de hierarquização proposto por Muñoz de La Nava *et al.* (1989) para pedreiras contemporâneas. Deste trabalho foram selecionados os parâmetros relevantes para a época em estudo, nomeadamente a topografia,

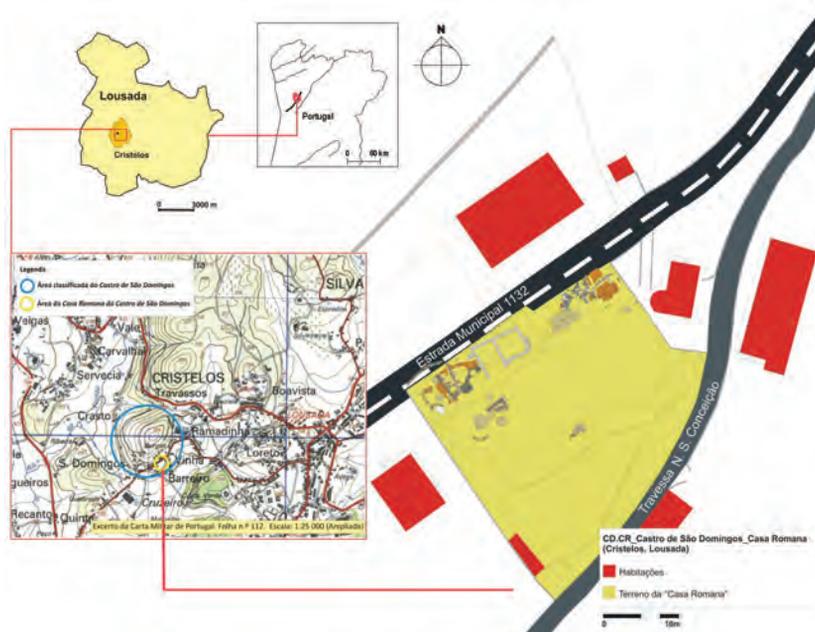


Figura 1. Localização da casa romana de Cristelos (Lousada).

facilidade de transporte e cobertura, de acordo com os pressupostos estabelecidos por Arnold (1989). Às condicionantes é atribuído um coeficiente, designado por "K" (Tabela 1). Ao coeficiente é multiplicado um valor (V), associado ao respetivo parâmetro, que varia de 0 a 4, correspondendo este último à situação mais desfavorável. A potencialidade de uma zona é definida pelo Índice de Explorabilidade (Ie) e resulta da fórmula: $Ie = K_{\text{topografia}} * V_{\text{topografia}} + K_{\text{transporte}} * V_{\text{transporte}} + K_{\text{cobertura}} * V_{\text{cobertura}}$

3. Resultados e discussão

A primeira etapa do trabalho, o levantamento geológico, permitiu confirmar observações prévias e obter contactos geológicos precisos, bem como identificar estruturas geológicas.

Em relação à casa romana, as pedras associadas a muros da Idade do Ferro que a casa intersecta e muitas vezes incorpora na sua estrutura são, na quase totalidade, corneanas. Nas paredes dos vários compartimentos da estrutura habitacional romana propriamente dita, predomina o granito de Lousada em quantidades equivalentes com

corneanas, sendo raro o de Paços de Ferreira. Incorporadas na estrutura (paredes e pavimento), ou fazendo parte do espólio lítico exumado das áreas de derrube, encontram-se, ainda, abundantes fragmentos de mós reaproveitadas que consistem em microgranitos. À exceção destes, todas as rochas se encontram em afloramento nas imediações da casa romana. Para a obtenção do índice de explorabilidade foi quantificada, numa perspectiva geográfica, a topografia, facilidade de transporte e grau de cobertura da rocha. Com base nesses valores foi possível determinar e projetar na cartografia o índice de explorabilidade. A figura 4 representa as áreas mais propícias à exploração de rochas de acordo com os critérios definidos na metodologia.

Com base nos dados apresentados torna-se possível determinar a proveniência dos materiais líticos da casa romana. As rochas que constituem os fragmentos de mós têm origem de mais fácil identificação pois trata-se de microgranito, um tipo de granito muito específico e raro na região. O local mais próximo onde este aflora com expressão cartográfica é na freguesia de Nevogilde, a 2700 metros de distância em linha reta. Traba-

PARÂMETRO	K	V	MENÇÃO QUALITATIVA	DESCRIÇÃO
Topografia (declive)	1	0	Muito favorável	10° - 20°
		1	Favorável	0° - 10°
		2	Aceitável	0°
		3	Desfavorável	20° - 30°
		4	Muito desfavorável	30° - 40°
Facilidade de transporte	2	0	Muito boa	Distância máxima de 200 metros, a cotas iguais ou superiores ao local de destino
		1	Boa	Distância máxima de 200 metros, a cotas inferiores ao local de destino
		2	Aceitável	Distância entre 200 a 400 metros, a cotas iguais ou superiores ao local de destino
		3	Má	Distância entre 200 a 400 metros, a cotas inferiores ao local de destino
		4	Muito má	Distância superior a 400 metros
Cobertura	3	0	Muito elevada	Sem meteorização e sem cobertura de solo
		1	Elevada	Fraca meteorização, mas sem cobertura de solo
		2	Aceitável	Zonas com meteorização (1m) podendo apresentar solo em alguns locais
		3	Baixa	Zona muito meteorizada (3 m) e com cobertura de solo
		4	Muito baixa	Zona de intensa meteorização (5m) e com cobertura de solo contínua e espessa

Tabela 1. Condicionantes propostas, relevantes para a exploração de pedreiras da Idade do Ferro (adaptado de Muñoz de La Nava et al. (1989).

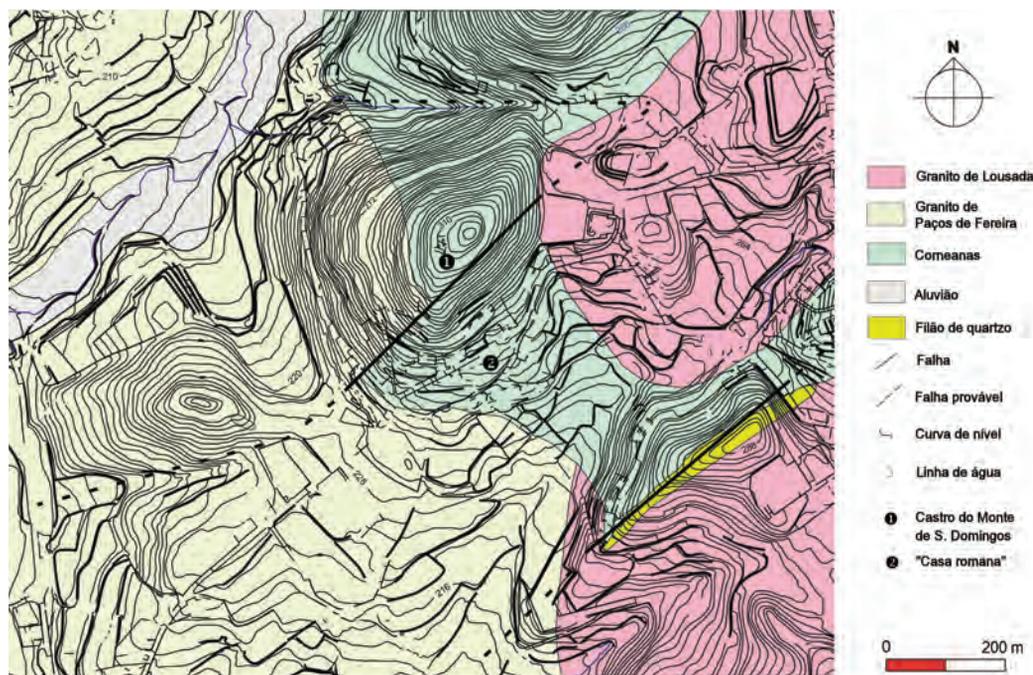


Figura 2. Geologia de pormenor da região (fundo cartográfico gentilmente cedido pela Câmara Municipal de Lousada).

Ihos de reconhecimento do afloramento revelaram que este é compatível em mineralogia, textura e tonalidades com os fragmentos encontrados no sítio arqueológico em estudo. A estes dados acrescem os factos de ocorrerem evidências de desmonte no local e vestígios de uma ocupação da Idade do Ferro, romanizada e, porventura, contemporânea do povoado do Monte de S. Domingos (Mendes-Pinto, 1992; Mendes-Pinto, 1995:272; Nunes *et al.*, 2008:165-166). O conjunto de dados disponíveis é de tal forma vasto e compatível entre si que é possível teorizar sobre a possibilidade de estes vestígios corresponderem a evidências de uma atividade de base “comercial” entre os dois aglomerados já durante o período da romanização.

As corneanas e granitos foram as litologias que obrigaram à elaboração do Índice de Explorabilidade para a região. Na cartografia é possível identificar uma área com Índice de Explorabilidade classificável como elevado. No que concerne às corneanas, que se encontram em todo o edifício escavado, o local com maior potencialidade corresponde à base sudeste e à vertente sudoeste do Monte de S. Domingos. É igualmente de salientar que este resultado é válido apenas para a zona da domus romana. As áreas que se encontram 200 metros a sudeste desta estrutura habita-

cional e foram classificadas como fonte aceitável não deverão ter sido usadas pois obrigam a uma subida das rochas através de vertentes declivosas, claramente desfavoráveis em relação à situação oposta que se verifica na vertente SW do monte de S. Domingos.

Relativamente aos granitos que se encontram nos muros dos diversos compartimentos da casa romana, foi identificado um local com potencialidade elevada para a sua proveniência. Este consiste numa área de 50 m² localizada cerca de 200 m a este da domus (em torno da EM1132), no contacto entre corneanas e o granito de Lousada. Tendo em conta a área reduzida, não é de excluir proveniências do granito da zona contígua a esta e classificada como aceitável.

Atendendo à presença quase exclusiva de corneanas nos muros da Idade do Ferro e à presença do granito de Lousada – em proporções equivalentes com corneanas – nos muros de cronologia romanos é possível determinar a variação geográfica da exploração da rocha. Da Idade do Ferro até à romanização, a localização provável das “pedreiras” revela uma variação altimétrica coincidente com a deslocação das populações, isto é, deixou de se explorar corneana a cotas mais elevadas para se usar o granito existente a altitudes

inferiores. Nota-se também que, por variação do tipo de material usado, houve uma deslocação da extração para este, possivelmente a partir do séc. I d.C.

4. Conclusões

As rochas das estruturas associadas à casa romana podem ser agrupadas em dois conjuntos distintos, relacionáveis com a idade dos vestígios em estudo. As estruturas da Idade do Ferro apresentam quase exclusivamente corneanas, que se encontram em afloramento na envolvente do local do edificado. As estruturas mais recentes, da época romana, contêm corneanas e granito de Lousada. De acordo com os critérios adotados, os locais que constituem fonte provável das rochas

são o Monte de S. Domingos para as corneanas e um contato com o granito de Lousada nas imediações do mesmo topónimo. Consequentemente, a evolução de uma cultura da Idade do Ferro para uma de influência romana é acompanhada de uma descida na altitude da extração da rocha, bem como numa movimentação do processo extrativo em direção a este.

Os fragmentos de mós em microgranito são provenientes do alto de Nevogilde podendo corresponder a vestígios de uma atividade “comercial” entre os dois povoados, já após a afirmação da presença romana na região. O conhecimento das fontes prováveis das rochas pode constituir um indicador indireto de sítios arqueológicos, cujo acompanhamento é importante em situação de modificação do uso do terreno.



Figura 3. Alçado do muro 112 e 215, lado poente. O muro romano (à direita) constituído por granito, incorpora na nova estrutura um muro circular da Idade do Ferro (à esquerda) em corneana.

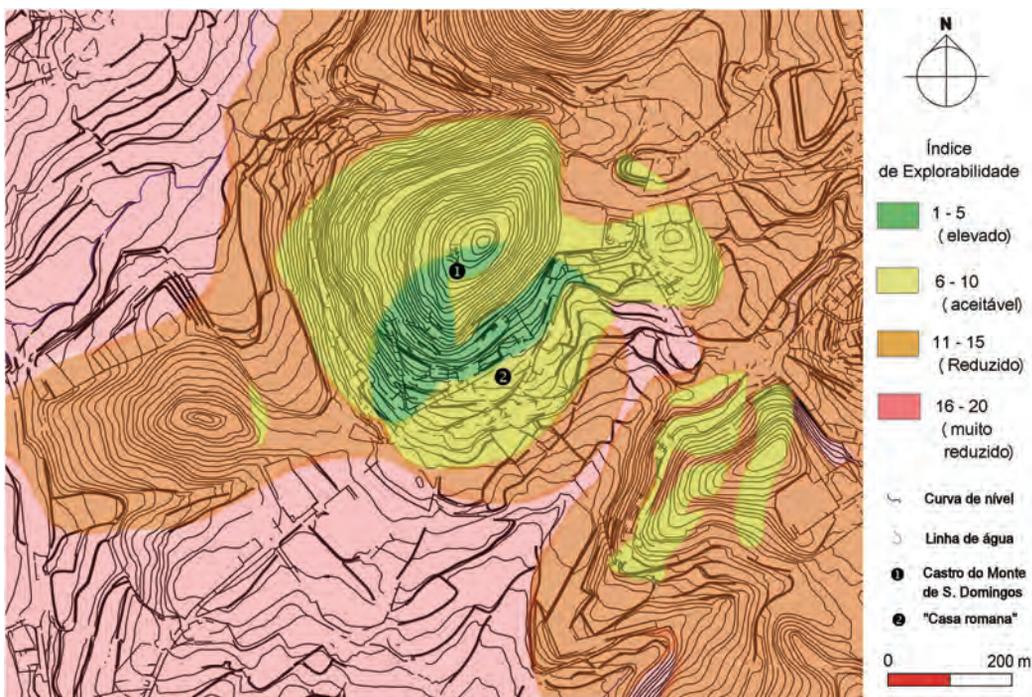


Figura 4. Cartografia do Índice de Explorabilidade (fundo cartográfico gentilmente cedido pela Câmara Municipal de Lousada).

5. Bibliografia

- ARNOLD, D. E. (1989) – *Ceramic theory and cultural process. New studies in archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MENDES-PINTO (1992) – Património Arqueológico de Lousada. *Plano Diretor Municipal de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.
- MENDES-PINTO (1995) – O Povoamento da bacia superior do Rio Sousa: da Proto-História à Romanização. Trabalhos de Antropologia e Etnologia. *Actas do 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Vol. V. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, p.265-283.
- MENDES-PINTO (1999) – *O Castro de S. Domingos (Cristelos-Lousada)*. Memória descritiva. Processo de classificação do Castro de S. Domingos.
- MUÑOZ DE LA NAVA, P.; ESCUDERO, J.; SUAREZ, I.; ROMERO, E.; ROSA, A.; MOLES, F.; MARTINEZ, M. (1989) – Metodología de investigación de rocas ornamentales: granitos. *Boletín Geológico y Minero*, 110, (3), p.129-149.
- NUNES, M.; SOUSA, L.; GONÇALVES, C. (2008) – *Carta Arqueológica do Concelho de Lousada*. Lousada:CML.
- NUNES, M.; LEMOS, P.; LEITE, J.; NOVAIS, H.; OLIVEIRA, A. (2011) – Estruturas negativas da “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Lousada): as fossas escavadas no saibro. *Oppidum*. N.º5. Lousada: CML, p.61-84.

5.1. Cartografia

- Carta Militar de Portugal*. (1998) – 1:25000. Folha 112. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.
- Carta Topográfica do Concelho de Lousada*. 1:5000. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.